

Hernán Cortez e Montezuma – mentalidades influenciadas pelo sistema coletivo.

Amanda Lopes Blanco

1.1 Introdução

As idéias a seguir destacam-se como principais, nestas obras, e as mesmas serão discutidas no decorrer do trabalho.

1. A História das Mentalidades.
2. As Mentalidades de Hernán Cortez e Montezuma.
3. A Religião.
4. A Economia.
- 5- A Organização Social.
6. O Imaginário Indígena Asteca.
7. Apropriação de Cortez do Imaginário Indígena para alcançar os seus objetivos.
8. A queda da civilização Asteca.

O Trabalho visa explorar as mentalidades de Cortez e Montezuma utilizando das características religiosas, econômicas, da vida cotidiana e os sentimentos coletivos das sociedades espanhola e asteca.

A proposta é relatar como o colonizador espanhol e o imperador asteca tiveram suas mentalidades influenciadas pela organização coletiva de suas sociedades.

Toda sociedade é composta de estrutura, essas estruturas influenciam na sociedade, a sociedade influencia o indivíduo gerando uma relação de interdependência.

As instituições escolhidas para o trabalho que representam estruturas são: A religião, a economia e o modo de organização social.

No início do trabalho é relatado resumidamente sobre o surgimento da História das Mentalidades, pois faz-se necessário explicar o significado deste campo de pesquisa.

A teoria-metodológica utilizada foi de uma variante da História das *mentalidades* produzida na França: A História das *mentalidades* como a valorização “ do modo de sentir e pensar” e no reconhecimento de que o estudo da *mentalidade* só faz sentido se associada a totalidades explicativas, fazem parte desta vertente Jacques Le Goff, Georges Duby e outros autores.

Ao analisar os aspectos da sociedade espanhola para comparar com Cortez, serão abordadas as características que possuem ligações e influenciaram na América espanhola.

1.2 Objetivos do estudo

- Relacionar as mentalidades de Hernán Cortez e Montezuma.
- Comparar e diferenciar as mentalidades com as crenças e valores das sociedades espanhola e asteca, através da religião, economia e organização social.
- Explorar diferentes perspectivas para construir as suas mentalidades .
- Evitar posições unilaterais na análise comparativa das ideologias de Cortez e Montezuma.
- Apresentar o imaginário indígena da sociedade asteca que influenciou o Imperador asteca.
- Ressaltar a atitude de Cortez ao se apropriar do imaginário para obter a sua meta.
- Relatar a queda do Imperador e conseqüentemente o fim da civilização.

1.3 Justificativa

O presente estudo visa relacionar as ideologias de Hernán Cortez e Montezuma e compará-los com o desenvolvimento da sociedade asteca e espanhola, demonstrando a relação cultural das sociedades, apresentando os rituais de sacrifício como algo normal da sociedade da época, evitando assim, o anacronismo e o julgamento da civilização asteca, apresentar

diferentes abordagens sobre a mentalidade de Cortez e Montezuma, e como Cortez se apropriara indiretamente dessas representações para alcançar seus objetivos.

CAPÍTULO I

1.1 A História das Mentalidades

Antes de iniciar o estudo é necessário explicar resumidamente sobre o surgimento da História das Mentalidades.

A preocupação com o “ modo de sentir e pensar” do indivíduo e de uma sociedade era constante nos estudiosos desde o início da revista *Annales*. A revista *Annales* surgiu como um movimento que visava combater o tipo de História que se fazia na França.

Marc Bloch e Lucien Febvre considerados “ pais fundadores” dos *Annales* estavam preocupados em associar a História com as outras Ciências Sociais, nesse contexto surge a importância das *mentalidades*.

Na segunda geração da revista, Braudel apresentou o estruturalismo de Lévi-Strauss na teoria dos *Annales*, ou seja, o primeiro associou o conceito de *mentalidades* com a estrutura de crenças e comportamento de uma sociedade, na qual mudam muito lentamente. A História das *mentalidades* afirmou-se :

... como a história a mais aberta possível à investigação dos fenômenos humanos no tempo, sem excluir a dimensão individual e mesmo irracional dos comportamentos sociais, e procurando resgatar os padrões menos cambiantes da vida cotidiana, mormente o universo de crenças ligadas ao nascimento, à morte, aos ritos de passagem, ao corpo, aos espaços e ao tempo. ¹

Em razão de seu caráter ambíguo, o estudo das *mentalidades* recebeu muitas críticas e ficou durante algum tempo desgastado.

¹ VAINFAS, Ronaldo, 1997, pág.138.

Alguns anos depois, Michel Vovelle propôs uma nova forma de se pensar com o problema da *longa duração* de Braudel, para este, era preciso conciliar o conceito de ruptura com o conceito de continuidade em uma sociedade.

Apesar de várias vertentes existentes sobre a História das *mentalidades*, ainda existem críticas sobre este campo de pesquisa, mas Jacques Le Goff conseguiu delimitar e definir este campo de pesquisa:

A mentalidade de um indivíduo histórico, sendo esse um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo”. E : “ O nível da história das mentalidades... é o que escapa aos sujeitos particulares da história. Porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento é que César e o último soldado de suas legiões, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum. ²

Outra questão é a confusão de conceitos entre história das mentalidades, imaginários³ e ideologias⁴, pois existe uma aproximação teórica dessas categorias. O pesquisador que se propõe trabalhar com tais considerações é necessário procurar as especificidades de cada grupo.

1.2 Mentalidades de Hernán Cortez e Montezuma

Para estudar as mentalidades de Cortez e Montezuma será necessário incluir cada indivíduo dentro de suas sociedades, ou seja, Montezuma e a sociedade asteca, Cortez e a sociedade espanhola, pois o método de estudo deste trabalho é associar a mentalidade do indivíduo com a sua totalidade: “ Desta forma os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um “sentido pessoal” ...” ⁵

Serão analisados a religião, a organização social e a economia de ambas sociedades. Através da análise fica mais claro demonstrar como a totalidade influencia na mentalidade do indivíduo e vice-versa.

² Lê Goff (cit. in VAINFAS, Ronaldo, 1997, pág.139).

³ Para Baczko, o conceito de imaginário designará o conjunto de representações e idéias- imagem de uma sociedade e de tudo com que ela se relaciona.

⁴ Jorge Larraín diz que o conceito tomou principalmente duas formas: Como a totalidade das formas de consciência social, expressa pelo conceito de “ superestrutura ideológica” e como as idéias políticas relacionadas com os interesses de uma classe.

⁵ LANE, Silvia T. M.,2006, pág.34.

A questão cultural estará inserida dentro da religião asteca através da prática de sacrifícios humanos e a celebração de rituais e festas, no caso da Espanha, a cultura estará associada ao catolicismo, e a política dentro da organização social.

CAPÍTULO II

2.1 A Religião Asteca

O conjunto de divindade asteca é muito diversificado. Os méxicas, também conhecidos por astecas, tornaram-se senhores de outros povos, fazendo aumentar seu panteão.

Para relacionar com a mentalidade de Montezuma II serão abordados quatro deuses. São eles: Uitzilopochtli, Tezcatlipoca, Tlaloc e Quetzalcoatl,

Uitzilopochtli era uma divindade realmente asteca, era considerado o guia da população méxica em suas peregrinações até chegarem a cidade Tenochtitlan. A festa e os rituais para este deus eram muito solenes e os sacrifícios humanos eram praticados em larga escala ao deus, também conhecido como deus da guerra. Ele personificava o Sol do meio-dia, a mitologia declara que ele havia sido em outra época um homem.

Tezcatlipoca era considerado o deus da ambigüidade, pois castigava e também perdoava, era o deus que estava em todos os lugares, conhecido como “vento da noite”, conseguia ler os pensamentos dos homens, ele era chamado de “Espelho Fumegante” e tinha o poder de dar e tirar a vida. As suas celebrações e rituais se igualavam com Uitzilopochtli e possuía uma inimizade com Quetzalcoatl.

Os sacrifícios dedicados a Uitzilopochtli e Tezcatlipoca eram através de sangue humano, o sacrificado era colocado em uma pedra por quatro sacerdotes, existia também um quinto sacerdote que tinha a função de extrair com uma faca o coração do humano vivo para o alimento do deus. Os astecas acreditavam que se o sangue não fosse oferecido o mundo deixaria de funcionar.

Tlaloc era muito cultuado devido a escassez de água no México, por isso ele representava a vida, era o deus da água e da chuva, contribuía para a produção dos alimentos, ele tinha ajudadores conhecidos como os tlaloque que regavam diversas regiões e controlavam

as boas e más chuvas. Tlaloc tinha o poder de distribuir a boa chuva como também poderia distribuir chuvas fortes com relâmpagos e trovões. Esse deus além de estar associado a água, também estava associado as montanhas e a fertilidade.

Os sacrifícios para Tlaloc eram feitos anualmente, com crianças no ponto mais alto da montanha. Acreditava-se que quanto mais a criança chorasse, mais chuva seria produzida pelo deus. Tlaloc era companheiro de templo de Uitzilopochli.

Quetzalcoatl era o deus mais conhecido e reverenciado por toda a Mesoamérica, conhecido como a “Serpente de Plumas”, se mostrava virtuoso em qualquer circunstância e não adotava sacrifícios humanos. Na mitologia asteca, ele teve grande importância na criação da humanidade atual, o seu nome foi utilizado por diferentes governantes e ele era o deus dos sacerdotes. Esses sacerdotes formavam um poderoso grupo social. Era conhecido também como “deus do vento” e vivia em eterna rivalidade com Tezcatlipoca.

Quetzalcoatl terá um capítulo destinado a sua história, pois foi através da crença de seu imaginário que Montezuma II imbuído de pânico entregou seu império a Hernán Cortez.

Esses deuses e tanto outros participavam ativamente da vida da população asteca, conforme Eduardo Natalino escreveu:

“Não podemos abstrair os deuses, por mais incorpóreos que pareçam, do mundo em que foram elaborados. Suas características e significados se relacionam diretamente a situações concretas, vividas por pessoas de carne e osso (...)”⁶

A mentalidade de Montezuma através da perspectiva religiosa

Esses deuses foram escolhidos pois influenciaram a ideologia do governante Montezuma. Ele possuía em si mesmo os atributos de Uitzilopochli e recebeu a responsabilidade de assegurar a continuidade do mundo e resguardar a ordem da terra e do Céu. Esse deus possuía um enorme prestígio no grupo dos governantes, dentre os quais, Montezuma fazia parte. Além disso, Uitzilopochli, segundo as narrativas de Durán era o grande ídolo dos astecas.

⁶ SANTOS, Eduardo Natalino dos, 2002, págs. 39 e 40.

Tezcaplipoca, Tlaloc e Quetzalcoatl também faziam parte da mentalidade de Montezuma. Quando a notícia que os espanhóis haviam chegado a costa leste do México alcançou o governante asteca, ele enviou alguns emissários para falar com tais estrangeiros, estes estavam trajados com roupas que associavam aos deuses: Tezcaplipoca, Tlaloc e Quetzalcoatl . Montezuma queria saber se o líder dos estrangeiros estava relacionado a um desses deuses, pois os deuses não iriam permitir que os emissários trajassem suas roupas, caso permitissem seria a prova que o espanhol Cortez estaria relacionado a um desses três deuses. Cortez ficou satisfeito com os trajes de Quetzalcoatl, Montezuma associou Cortez a Quetzalcoatl.

O imaginário de que Quetzalcoatl iria voltar estava sempre presente na idéia de Montezuma. O governante tinha medo de que a “ Serpente de Plumas” voltasse para tomar o poder de suas mãos.

Montezuma, conforme a sociedade de sua época, era religioso e temeroso aos deuses, também participava dos rituais de sacrifício aos deuses. Durán descreve a participação de Montezuma nos rituais de sacrifício e festa ao deus Tlaloc.⁷

De acordo com a mentalidade coletiva asteca, o governante estava associado a poderes mágicos. Os imperadores eram denominados de “ Hueyi Tlatoani”, “ O Grande Orador”. Montezuma era um autoridade religiosa, o povo da cidade de Tenochtlán não podia encara-lo, somente aqueles que tinham assento no Grande Conselho. O espanhol Cortez relata essa influência religiosa sobre a população na carta enviada a sacra Majestade:

Todos os senhores que entravam em sua casa tiravam o calçado e levavam a cabeça e olhos inclinados em sinal de reverência. Quando ele passava pela rua as pessoas igualmente abaixavam a cabeça, não o olhando diretamente. Ele era sempre conduzido em um andor, precedido de um senhor que levava três varas, uma das quais ele apanhava ao descer e usava como bastão enquanto caminhava. Eram tantas e tão diversas as cerimônias que este senhor tinha a seu serviço que era necessário mais espaço do que o que tenho presentemente para escrever sobre ele.⁸

⁷ DURÁN, Fray Diego (cit. In SANTOS, Eduardo Natalino dos, 2002,pág. 214).

⁸ CORTEZ, Hernán, 2004, pág. 48.

2.2 A religião na Espanha

O catolicismo é a religião oficial da Espanha, essa unidade religiosa foi alcançada em 587, quando o rei Recaredo I renunciou o paganismo, séculos mais tardes os reinos cristãos lançam-se numa luta de reconquista e expulsão dos árabes muçulmanos, e para preservar a fé católica os reis Fernando e Isabel através da inquisição expulsaram os judeus, os cristãos novos e os mouros não convertidos. O espírito de difusão da fé católica tomara conta da sociedade espanhola.

Com o descobrimento de terras americanas, a ampliação do reino de Deus na Terra tornou-se um dos principais objetivos dos colonizadores e reis espanhóis. Na Espanha a religião aglutinava-se com a política civil e militar, além de contar com a aprovação de quase toda população espanhola, isso significa que a missão “civilizadora” da igreja com os povos americanos era uma questão de domínio público.⁹

Para os Espanhóis, a América era império do mal e estes possuíam a missão de converter os nativos contra a heresia.¹⁰

A influência religiosa sobre a mente de Hernán Cortez

Conforme a sua sociedade, Cortez era um católico devotado e um servo fiel. Nas suas conquistas, fazia questão de apresentar aos povos nativos o mal da idolatria e quão importante seria a conversão para a fé católica.

Cortez era um guerreiro valente que atribuíam suas conquistas ao fato de Deus estar sempre ao seu lado e tinha o hábito de nomear cidades indígenas com nomes de cidades espanholas ou nomes que lembrassem a riqueza ou santos católicos.

Apesar de considerar os povos nativos idólatras, canibais e não – civilizados, Hernán possuía uma índia como amante, guia e intérprete, na qual chamava - se Malinche.

2.3 Montezuma e Cortez como agentes religiosos de suas sociedades

⁹ MORSE, Ricardo, 1998, pág.39.

¹⁰ GALEANO, Eduardo, 2007, pág. 29

Comparando Hernán e Montezuma é possível estabelecer relações em comum sobre o âmbito religioso.

O governante asteca e o colonizador espanhol eram fiéis, tementes e devotados as suas religiões, ambos guerreavam e matavam em nome de seus deuses. Apesar dos espanhóis criticarem os sacrifícios humanos dos méxicas, eles também matavam as pessoas em nome de Deus, mas, para eles os assassinatos eram justificáveis em favor da doutrina católica.

A diferença de Montezuma para Cortez é que o imperador asteca apesar de ser temente a sua religião também era idolatrado pelo seu povo, era considerado um deus mundano capaz de causar doenças de humor, ação, azar e sorte. Já Cortez não era considerado um deus perante a sociedade espanhola, até porque, tal adoração não fazia parte da estrutura religiosa da Espanha.

CAPÍTULO III

3.1 A Economia Asteca

A civilização asteca se destacava na região da Mesoamérica devido a enorme tributação de suas províncias. O alimento primordial era o milho. Existia um comércio regional que ficava em uma grande praça, nesta praça eram vendidos alimentos e artesanato. A praça ficava tão cheia de pessoas, pois era o principal centro comercial da cidade e ficava localizada em Tlatelolco.

Os méxicas já conheciam medidas de valor e grãos de cacau eram usados como moeda de apoio. Existia uma economia monetária.¹¹

O transporte utilizado para o abastecimento das cidades era a canoa, porque existia um lago com numerosos canais que facilitava o transporte, todavia esse lago inundava a cidade de Tenochtitán, por isso foi necessário construir um dique para proteger a cidade.

Quando os espanhóis chegaram ao império asteca, estes possuíam trinta e oito províncias. Cada província tributava conforme a qualidade de sua terra, de modo que não faltava nada para o imperador asteca.

¹¹ HABERLAND, Wolfgang, 1995, pág.150.

Apesar de existir uma centralização econômica “o tesouro público não se distinguia do tesouro privado do soberano”... “Em tempos de escassez, abriam-se os celeiros imperiais”.¹²

O Imperador Montezuma através do ângulo econômico

Através do sistema de tributo, Montezuma recebia tudo o que precisava, adquirindo inúmeras riquezas e consolidando o seu poder. A organização econômica da civilização ia ao encontro das perspectivas do Imperador.

Soustelle indica como vivia Montezuma:

Apresentavam-se diariamente a Motecuhzoma mais de 300 pratos, entre os quais ele fazia a escolha. Comia sozinho, sentado sobre um icpalli, diante de uma mesa baixa, servido por *quatro mulheres belíssimas e limpas*, que lhe traziam lavandas e guardanapos. Tinha frutas de sobremesa, bebia cacau e fumava, enquanto bufões, anões e acrobatas disformes executavam seus números para diverti-lo.¹³

3.2 A Economia na Espanha

Para afirmar o catolicismo espanhol foi realizada a guerra de reconquista, os objetivos eram evitar a propagação da fé Islâmica e expulsar os Árabes da Espanha. Essa guerra santa trouxe prejuízo para os cofres da Espanha.

Além disso, Tomás de Torquemada, inquisidor geral realizou uma campanha contra os judeus, através dessa campanha ele conseguiu convencer os reis católicos a expulsá-los, afastando das terras espanholas os cidadãos ativos na economia.¹⁴

Aconteceu também uma queda agrícola no fim da Idade Média e no século XVI.

A economia da Espanha estava baseada em suprir as necessidades da nobreza, estes constituíam a minoria da população.

Com os custos da guerra e o problema agrícola a solução seria se lançar nas grandes navegações e assim o poder econômico aristocrático seria reafirmado pelas novas gerações.

¹²SOUSTELLE, Jacques, 2002, pág.27.

¹³ SOUSTELLE, Jacques,2002, pág. 48.

¹⁴ Enciclopédia Mirador Internacional,volume 8, 1982, Pág. 4097

È importante ressaltar que a exploração do Novo Mundo pela Espanha foi para abastecer as necessidades da nobreza e não para a acumulação de capital.¹⁵

Cortez e a economia espanhola

Cortez era fiel ao rei da Espanha e seu objetivo além de ganhar novos cristãos, também era explorar as riquezas do Novo Mundo. Assim, a aristocracia seria abastecida.

O governo Espanhol não financiou a expedição de Cortez. O conquistador hipotecou seus bens para realizar sua expedição.¹⁶

A meta do conquistador era agradar o rei com as riquezas da América e assim obter cargos militares e políticos no Novo Mundo.

Na primeira carta de Cortez é possível observar que através de maneira sutil ele se apresenta para o rei da Espanha como o único capaz de governar a cidade em que haviam desbravado. Também relata as suas experiências com os índios e como ele conseguiu apaziguar os conflitos, deixando claro que os nativos tinham que se converter a fé católica e prestar obediência ao rei da Espanha.

Além disso, Cortez deixa claro que as riquezas encontradas no Novo Mundo serão destinadas a Espanha. Relata a cobiça de Diego Velásquez com o ouro encontrado e diz que usara o ouro em proveito próprio e suplica as majestades que não nomeiem Velásquez como governador daquela região e sugere seu nome para o cargo como se fosse a vontade de todos da região:

Nos foi pedido pelo procurador e moradores desta vila para que neste requerimento suplicássemos a vossas majestades para que nomeiem a Hernan Cortez como governador e executor da justiça nestas terras, até que estejam conquistadas e pacificadas. Assim, humildemente suplicamos a vossas majestades através de ditos procuradores para que nos concedam o pedido e que nos tenham por mui leais vassallos, como temos sido e sempre seremos.¹⁷

3.3 Montezuma e Cortez sob a perspectiva econômica

¹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarión, 1995, pág.11.

¹⁶ GALEANO, Eduardo, 2007, págs. 30 e 31.

¹⁷ CORTEZ, Hernán, 2004, pág.25.

Sobre o ângulo econômico nota-se uma semelhança no qual os dois utilizavam as riquezas do Novo Mundo, porém Montezuma utilizava em proveito próprio aproveitando-se de todas as regalias que um imperador asteca possuía, já Cortez queria transportar a riqueza da América para a Espanha, mas o seu principal objetivo era chamar atenção da majestade sobre a sua fidelidade com a Coroa e assim ser nomeado para um cargo político no Novo Mundo.

A diferença é que Montezuma utilizava a economia para suprir as suas necessidades, tal fator não era diferente da aristocracia espanhola, todavia Montezuma também ajudava os membros de sua comunidade, principalmente em época de escassez, e isto não ocorria na Espanha. E Cortez não visava em primeiro lugar a riqueza da terra e sim o poder que ele poderia adquirir através desta riqueza.

CAPÍTULO IV

4.1 A Organização Social Asteca

Os astecas se organizavam em diversas classes sociais, tais como: Escravos (porém, era uma escravidão diferente, na qual os escravos podiam comprar a sua liberdade e até mesmo casar-se com pessoas livres), o povo, artesãos, os negociantes, os dignitários, os sacerdotes e o Imperador.

Com a cidade de Texcoco e a cidade de Tlacopan, os méxicas formaram a tríplice aliança que constituiu uma grande potencia militar e política, todavia, a tríplice aliança não conseguiu dominar toda a Mesoamérica. É interessante observar que os astecas possuíam uma posição de destaque cultural e intelectual.

As pesquisas deste trabalho destacará o cargo de Imperador, no qual Montezuma faz parte. No governo, havia um colégio eleitoral, tal colégio era constituído de sacerdotes e guerreiros.

O colégio tinha a função de escolher um governante. A mentalidade coletiva da época associava a escolha do imperador como se estivesse em concordância com a vontade do deus Tezcatlipoca.

Quando eleito, o Imperador exercia a função de proteção ao povo e a ministração de ofertas e sacrifícios aos deuses.

O Imperador não governava sozinho, ele era auxiliado pelo grande conselho, conhecido como Tlatocan que significa “lugar da palavra “ ou “ do comando”¹⁸.

Esse conselho poderia rejeitar até três pedidos do Imperador, com o tempo, a escolha para os membros do conselho foi-se tornando cada vez mais restrita. Sobre as guerras, existia um conselho, no qual havia três delegações de embaixadores que representavam as cidades da Tríplice Aliança: Tenochtlán, Texcoco e Tlacopan.

A sucessão de Imperadores não era hereditária e sim eleita pelo conselho.

A sociedade no governo de Montezuma

É interessante observar que no reinado de Montezuma houve uma centralização do poder nas mãos do Imperador. Tal centralização foi gradativa, pois o México possuía a tendência de se autodenominarem como um povo de destaque entre os outros. Essa tendência foi incorporada na mentalidade coletiva da época e tornou-se uma estrutura, por isso, Montezuma foi considerado pelos outros povos o único chefe do Império.

O monopólio de Montezuma pode ser observado na segunda carta de Cortez, onde o senhor do povoado de Caltanmi , indagara Cortez dizendo quem não seria vassalo de Montezuma, “ dando a entender que este era senhor do mundo”¹⁹.

Na carta de Cortez, Montezuma é descrito como um Imperador tirano, onde matava seus servos e sacrificava aos seus ídolos. Já Soustelle, diz que a função do Imperador era render obrigação aos deuses, mas também cuidar e proteger o seu povo.

Com as fontes, é possível observar que Montezuma era muito amado pelo seu povo e como todo devoto ele cumpria os rituais, tais sacrifícios faziam parte da estrutura da

¹⁸ SOUTELLE, Jacques, 2002, pág. 40.

¹⁹ CORTEZ, Hernán, 2004, pág. 31.

sociedade asteca, todavia, as fontes também comprovam que ele era odiado por povos inimigos como por exemplo o povo de Tlaxcala.

Montezuma como um Imperador obediente servia aos seus deuses e isso não era considerado errado pela sociedade asteca, nem mesmo os rituais de sacrifício; já para os espanhóis a prática desse rituais era considerada um pecado abominável para os olhos de Deus.

4.2 A Organização Social Espanhola

As pesquisas feitas procuraram relacionar a organização social espanhola com o Novo Mundo, procurando nesta sociedade fatores que influenciaram a América Espanhola.

A Espanha era uma monarquia sem unidade política. A divisão social incluía privilégios ao rei, nobreza e a igreja, enquanto a maioria da população não obtinha os mesmos benefícios.

Devido a falta de unidade política, a Espanha ao conquistar novas terras empenhou-se por ordenar o novo mundo. Sérgio Buarque de Holanda diz que “ um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América”.²⁰

A colonização espanhola se tornou um prolongamento da metrópole, fazendo a América em uma continuidade das cidades européias, a construção dessas cidades se tornava um poderoso elemento de dominação espanhola. A construção sempre começaria pela praça maior.²¹ E os traçados geométricos das cidades eram regulares e alinhados.

Cortez e a Organização Social

A proposta de criar núcleos urbanos bem ordenados na América também era a preocupação de Cortez.

O colonizador quando conquistava uma cidade, tinha por objetivo fundar um povoado ou uma vila. Cortez almejava cargos políticos e militares para atuar nessas vilas. Em suas cartas a Coroa fica nítido a sua petição por cargos políticos na nova terra. O que é apresentado através destas cartas é um conquistador determinado, capaz de delatar seus companheiros para

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de, 1983,pág. 62.

²¹ Ibidem, pág. 63.

a metrópole para poder conquistar seus objetivos. Como o exemplo de Velásquez mostrado anteriormente.

Depois de conquistar a civilização asteca, ele foi nomeado por Carlos V, governador-geral de todo o território da nova Espanha. Cortez por possuir muitas ambições e exercer com severidade o seu domínio foi destituído de seu cargo. Ele ainda recebeu o título de Marquês del Valle de Oaxaca. Depois ele caiu no esquecimento.

4.3 Montezuma e Cortez sobre o ângulo da organização social

Ao governar suas sociedades é possível notar características semelhantes e distintas entre o espanhol e o asteca.

Montezuma procurava exercer o seu governo de maneira justa, visando ajudar o povo quando precisavam e condená-los quando fosse necessário ²², por isso, perante os seus governados ele não era considerado uma pessoa severa e sim uma pessoa que procurava realizar as suas tarefas de maneira igualitária e quando necessário fosse ele utilizava a sua autoridade para julgar os feitos considerados ilícitos por sua sociedade.

O imperador governava de acordo com a vontade dos deuses, em razão disso ele não era questionado por seus atos. Todavia, ele era condenado por seus inimigos, o ódio de seus adversários tinha motivo. Montezuma visando centralizar o poder, procurou tornar Tenochitlan o centro político, econômico e militar. Por esta razão, a atuação do governante era considerada paradoxal, ou seja, amado pelo povo de Tenochitlan e odiado por outros povos.

Já Cortez realizava a sua autoridade de maneira severa. Perante, a nobreza espanhola a sua atuação se tornou condenável, isso significa que a sua sociedade o reprovou e com o tempo ele foi destituído do cargo de governador-geral da nova Espanha.

Comparando as duas mentalidades, examina-se que o modo de governo de Montezuma foi aceito por sua sociedade, mesmo muitos não concordando com a sua maneira de governar; na civilização asteca não existia uma separação entre o poder real e o poder divino, em razão disto as suas atitudes eram consideradas de acordo com a vontade dos deuses astecas. Cortez

²² Afirmação baseada na idealização do governo asteca, provavelmente os tlascaltecas capturados não pensavam assim.

foi reprovado pela sociedade espanhola, a mentalidade coletiva da nobreza não concordou com a maneira arbitrária do conquistador.

Apesar de tais diferenças, nota-se uma semelhança entre o colonizador e o imperador, ambos possuíam cargos políticos e militares no novo mundo.

CAPÍTULO V

5.1 O imaginário indígena que habitava a mente de Montezuma

Montezuma temia a volta de Quetzacóatl, a volta desse deus permanecia constantemente nos pensamentos do Imperador.

Será relatado de maneira sucinta a história de Quetzacóatl. Nas fontes nativas do novo mundo existiam uma fusão do Quetzacóatl homem e do Quetzacóatl mito, a história é mesclada com o Quetzacóatl carnal e espiritual, ora é mostrado a fragilidade e a insegurança do humano e ora é mostrado o esplendor e a poder do deus, os historiadores trabalham tentando distinguir a história do homem do mito.

O Quetzacóatl deus participou da criação do mundo atual, protagonizava uma constante rivalidade ao lado de Tezcatlipoca, essa discórdia entre os deuses se encontra em todas as fontes coloniais nativas. Quetzacóatl transformava-se em serpente emplumada, jaguar e águia, capaz de ir ao céu e ao inframundo com muita facilidade.²³

O mito possuía dois corações no qual o segundo coração seria de seu irmão gêmeo (a estátua da serpente emplumada) que junto com seu amigo Acatl se pôs a fogueira para salvar a vida do Quetzacóatl sacerdote de Tula, a partir deste feito ele recebeu um segundo nome Ce-Acatl. Ele rejeitava os sacrifícios humanos.

O sacerdote Quetzacóatl (o homem) chegou em Tula e através de seus atos, tornou-se governante da cidade, ele instituiu a prática de jejuns, ensinou ao povo a trabalhar com a arte, desenvolveu o cultivo de milho na região. No governo de Quetzacóatl, os toltecas se tornaram o povo mais poderoso da região, tomando outros povos em escravos, como os chichimecas por exemplo. A atitude dos toltecas em escravizar outros povos, aborreceu o coração do governante. Com o tempo os chichimecas se revoltaram e fugiram de Tula.

²³ SANTOS, Eduardo Natalino dos, 2002.

As fontes relatam um sacerdote que vivia em constante conflito consigo mesmo e uma relação de amor e ódio com os toltecas. Houve épocas em que ele se afastava do povo para meditar, e o povo desorientado começava a tomar atitudes reprováveis por Quetzacóatl, com o tempo o governante saía do seu estado de reflexão e voltava a orientar o povo de acordo com sua doutrina. E foi assim, até ele sair de Tula.²⁴

O sacerdote de Tula era um homem branco e barbudo. A eterna rivalidade de Quetzacóatl e Tezcatlipoca fez com que o governante saísse de Tula. Quetzacóatl foi para o oriente em uma balsa de serpentes feita com madeira, com a saída do sacerdote, Tula foi conquistada e os toltecas foram dispersos pelo Vale do México, Cholula e Chichén Itzá.²⁵

Conforme visto anteriormente, os astecas tinham a prática de se auto-denominarem o povo escolhido, por isso começaram a centralizar o poder, com a História de Quetzacóatl não foi diferente, os autores mexicanos diziam que o sacerdote quando saiu de Tula foi para o Vale do México onde foi honrado como um deus, além disso, os méxicas se intitularam os sucessores dos toltecas, buscando alianças e casamentos com os descendentes dos toltecas.²⁶ Foi assim que Quetzacóatl entrou para o imaginário asteca e estava constantemente no pensamento de Montezuma.

Montezuma acreditava que Quetzacóatl iria voltar para governar os astecas. E vivia assombrado com essa idéia.

Antes da chegada de Cortez ao México, Montezuma teve oito presságios que anunciavam o retorno de Quetzacóatl, como por exemplo, raio de fogo no céu à noite, destruição de templos e outros. Galeano apresenta um desses presságios:

Os caçadores haviam lhe trazido uma ave que tinha na cabeça um diadema redondo com a forma de um espelho, que refletia o céu e o sol em direção do poente. Neste espelho Montezuma viu marchar sobre o México os esquadrões de guerreiros. O deus Quetzacóatl viera pelo leste e pelo leste tinha-se ido: era branco e barbudo.²⁷

Montezuma poderia ter tido a sua mente influenciada pelos pintores indígenas que registravam a chegada dos espanhóis no Novo Mundo, antes de Cortez chegar ao México,

²⁴ LÓPEZ, Portillo José, 1982.

²⁵ SANTOS, Eduardo Natalino dos, 2002.

²⁶ Ibidem.

²⁷ GALEANO, Eduardo, 2007, pág. 34.

Montezuma já sabia da chegada da esquadra de Narváez.²⁸ Por isso, existe uma discussão de que as visões seriam fruto de sua mente influenciada, pois o Imperador já sabia faz tempo da chegada de pessoas estranhas na região.

CAPÍTULO VI

6.1 Apropriação indireta de Cortez do imaginário de Montezuma

Uma coincidência fez com que Cortez prevalecesse sobre a civilização asteca. Em primeiro lugar, a idéia de que Quetzacóatl voltaria para tomar o seu trono estava presente constantemente na mente de Montezuma, o ano 1519, o ano em que Cortez chegou ao México era o ano ce-acatl (outro nome de Quetzacóatl), “ um cana”do calendário asteca.

Quando Montezuma soube que Cortez estava se aproximando da região, enviou seus súditos para oferecerem a Cortez presentes, porém o conquistador estava decidido a chegar na civilização asteca. Quando os súditos de Montezuma retornaram, descreveram ao imperador através de ilustrações, Cortez e sua tropa. A semelhança de Cortez com Quetzacóatl (homem branco com barba) não deixou dúvidas no coração de Montezuma de que Cortez era o deus que retornava. Por isso, ele achou melhor, agradecer Cortez.

Quando Cortez chegou ao encontro de Montezuma, foi muito bem recebido pelo imperador. Cortez e sua tropa ficaram durante um período habitando a região do México, junto com as astecas, a subordinação de Montezuma a Cortez incomodava o povo asteca. E assim, Montezuma foi perdendo o seu prestígio perante o povo. Na verdade, o imperador sendo fiel a sua religiosidade deixou ser influenciado por Cortez.

Cortez descobriu que Montezuma possuía inimizade com alguns povos da região. Entre os povos, estava os tlaxcaltecas. O conquistador resolveu unir-se as tribos inimigas dos astecas para a obter toda a riqueza daquela terra. No México, as duas mentalidades se encontravam e o desfecho seria desvantajoso para Montezuma.

CAPÍTULO VII

²⁸ GRUZINSKI, Serge, 2003, pág. 42.

7.1 A queda do Império Asteca

O tipo de guerra das duas sociedades era bastante diversificado. A guerra na Espanha tinha por objetivo acabar com a civilização inimiga e extrair toda riqueza da região e enviá-la a Carlos V, só assim Cortez poderia ser presenteado pelo rei com cargos no Novo Mundo, como foi visto anteriormente.

A guerra asteca tinha por objetivo obter prisioneiros de guerra para sacrificar aos ídolos, as terras conquistadas não eram devastadas, os seus moradores ficavam tributando aos méxicas.

Diante de dois diferentes tipos de guerra, a Espanha prevaleceu, além disso, houve também a questão biológica em que muitos índios foram infectados pelos espanhóis por doenças desconhecidas.

Existem duas versões para a morte de Montezuma. A versão espanhola descreve que um guerreiro asteca revoltado com a subordinação de Montezuma a Cortez havia lançado um projétil em Montezuma. A outra versão é que o imperador asteca foi morto pelos próprios espanhóis. Com a morte do imperador, a queda da civilização tornou-se uma questão de tempo.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve o objetivo de comparar duas mentalidades de civilizações diferentes, evitando o julgamento sobre uma sociedade ser mais desenvolvida que a outra e sim apresentar as estruturas que atuavam e influenciavam na vida dos indivíduos.

Ao descrever o processo histórico, é possível evitar conceitos e denominações negativas sobre Montezuma, como por exemplo, fraco ou covarde. Analisando a mentalidade da sociedade asteca, observa-se uma grande influência religiosa na atuação cotidiana de seus habitantes, logo, Montezuma se rendeu a Cortez porque acreditava que era Quetzacóatl.

A queda do Império não é a parte mais importante do trabalho, o mais importante é a análise do contexto social, religioso e econômico que atuaram sobre o colonizador espanhol e o imperador asteca.

É nítido no trabalho que a causa da queda da civilização asteca não foi a superioridade espanhola, a queda foi influenciada pelo lado religioso de Montezuma e além disso, o tipo de guerra das duas sociedades era bem distinto, isso não significa que a Espanha era superior, significa que em cada sociedade existiam diferentes concepções sobre a arte da guerra.

Também evitou-se o anacronismo demonstrando que a prática de sacrifícios humanos era parte integrante da sociedade, os astecas acreditavam que o sangue humano alimentava o sol.

Foi demonstrado que existe uma relação contínua de reciprocidade entre o indivíduo e a coletividade e que ambos acabam sendo influenciados.

Algumas considerações sobre o trabalho:

Sobre a visão religiosa asteca que se encontra no capítulo II, apesar da grande importância dos deuses em episódios cosmogônicos, da existência de quatro sóis anteriores ao quinto sol que seria o atual para os astecas e as cerimônias de sacrifícios determinadas pelo tempo e pelo sistema calendário, além dos rumos do universo, dos céus e dos infernos, não houve necessidade de detalhá-los no trabalho, pois o objetivo do mesmo era identificar aspectos comuns da religião asteca, no indivíduo Montezuma para montar a sua mentalidade.

Com relação a questão econômica asteca não foi especificado os tipos de alimentos cultivados na agricultura, somente o milho foi citado, pois era o principal para a civilização. Também não foi necessário nomear as trinta e oito províncias que tributavam a Tenochtitlán.

Sobre a divisão de classes sociais astecas não foi descrito a função que as pessoas exerciam em tais classes, pois o objetivo era chegar ao governo, para falar da atuação do Imperador na sociedade mexicana.

Com relação a Espanha houve menos especificidade ao analisar os aspectos de sua sociedade, procurou-se elementos que relacionassem a Espanha com o Novo Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Ciro Flamarion. "O Trabalho na América Colonial." São Paulo, Editora Ática, 1995.

- CORTEZ, Hernán. “Primeira e Segunda Cartas”. In: Idem A Conquista do México. Porto Alegre, Lpm, 2004.
- ESPIG, Márcia Janete. “Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas”. Anos 90. ... Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GALEANO, Eduardo. “As veias abertas da América Latina”. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2007.
- GRUZINSKI, Serge. “A Colonização do Imaginário: Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México Espanhol. Séculos XVI – XVIII”. Tradução: Beatriz Perrone – Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O Semeador e o Ladrilhador”. In: Raízes do Brasil. São Paulo: José Olympio, 1983.
- LANE, Silvia T. M.” A psicologia Social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, Silvia. (Orgs.) “Psicologia Social – o homem em movimento”. SP: Brasiliense, 2006.
- LÓPEZ, Portillo José.” Quetzacóatl”. Tradução: Alberto Sánchez Luna; colaboração de Ezequiel Morones Díaz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de estado da Cultura de São Paulo, 1982.
- MORSE, Richard.” O Espelho de Próspero: Cultura e Idéias nas Américas”. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas”. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SOUSTELLE, Jacques. “A Civilização Asteca”. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- VAINFAS, Ronaldo.” História das Mentalidades e História Cultural”. CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. “Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia”. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.